

PEQUENO APANHADO REFERENTE AO ANTIGO REINADO DO ROSÁRIO,
EXTRAÍDO DA REVISTA "O NATAL", EDITADA EM PASSOS, PELO
INALDÍVEL ITAPECERICANO HILARINO MORAES, ESCRITOS PELO
ILUSTRE ITAPECERICANO BENTO ERNESTO JÚNIOR, DA ACADEMIA
MINEIRA DE LETRAS.

Segundo o grande literato Bento Ernesto Júnior, a capela do Rosário (Igreja do Rosário), em seu tempo de menino, vibrava somente ao fim do ano, pelas festas do Natal e do ano bom, sendo essa quadra aquela em que se celebrava o tradicional Reinado, naquela época uma das mais importantes festas da localidade.

Escrevendo ele, na edição que circulou em 1921, dissertou desta vez sobre o "Pai" Joaquim Caraôlho. Transcrevo aqui, em resumo, palavras de sua lavra, acerca deste personagem do Reinado antigo. "No seu tempo de menino, o "Pai" Joaquim Caraôlho era uma figura de destaque na velha Tamanduá. Era negro da Costa, da cor do mais escuro ébano. Magro, alto, corpo agigantado, um pouco curvado p/ diante, um tipo para ressaltar no meio das turbas. Era geralmente antipatizado em Tamanduá, pois tinha fama de feiticeiro e ninguém queria saber de lhe atrair a inimizade. Odiado pela supremacia forçada, que exercia sobre os brandos e parceiros, o Africano, regozijava-se com as antipatias que despertava. Todos viam na figura dele, um ser sobrenatural. Usava um bastão de cabiuna com castão, que empunhava com orgulho, como se fosse um cetro de Rei, e com ele comandava os negros do moçambique. (Tal era a sua figura sobrenatural, que Bento Ernesto, quando criança, até acreditava que ele era capaz - segundo sempre se dizia em Tamanduá - de transformar numa cobra seu bastão de cabiuna). Moçambiques eram os negros, que se formavam em grupos, vestindo-se bizarramente, durante as festas do Rosário, pelo Natal, e se entregavam a danças "esquissitas", ao som de tambores e instrumentos de folha de Flandres. O diretor dos pretos, o "técnico", era o Vicente do Barreiro, do qual vamos falar mais adiante. Mas o Chefe, o Soberano, era o "Pai" Joaquim Caraôlho. Tinha essa alcunha, por ter um olho atrofiado. Nas festas do Rosário, os festeiros, gente da melhor sociedade, submetiam-se à sua vontade, sem nenhuma resistência, pois, ninguém, nem de leve, ousava contrariar o Africano, que tinha mesmo ares de soberania. Proclamada a abolição, os negros abandonaram as festas do Reinado e fugiram do domínio do "Pai" Joaquim. Abatido com o ostracismo voltou-se para o trabalho agrícola". Há um fato jocozo sobre o "Pai" Joaquim. Quando morreu sua mulher, de noite, na Rua das Mercês, uma das vizinhas que cuidava da cozinha, insistia com o viúvo para tomar algum caldo, um pouco de chá... Ele dizia repetidamente: "Ha! Siá Dona, não desce, ai!... Não desce! E a vizinha insistia, até que ele acrescentou com convicção: Não desce, não!... Se ainda fosse um pouco de feijão com toucinho!...."

Se o "Pai" Joaquim Caraôlho era detestado, embora ninguém, de modo especial os brandos, ousava manifestar-lhe este desafeto, de medo, pois era temido pela fama, que lhe aureolava o nome, de feiticeiro de primeira água, o Vicente do Barreiro, pelos seus modos humildes e bondosos era largamente estimado. Dos escravos daquela época, muitos eram notáveis, como

o "Pai" Joaquim, mas o vulto mais distinto era o Vicente do Barreiro, localidade esta onde era escravo. "Pai" Joaquim deixava o comando das danças do Moçambique para o Vicente, visto que sabia na ponta da língua todos os capítulos e parágrafos da liturgia do Rosário. Abolida a escravidão, o Vicente do Barreiro casou-se e foi morar em uma casinha da beira do córrego.

Para finalizar, transcrevo, como era o Reinado nos tempos de meninice de Bento Ernesto:

"Em Tamanduá, naquele tempo, como se diz nos Evangelhos, os senhores de escravos davam a estes, umas férias em fins de Dezembro e princípio de janeiro, tempo consagrado às festas do Rosário, entre os quais, ocupava lugar de proeminência o Reinado, que tinha lugar a 1ª de janeiro. Desde 08 de dezembro, porém, já a negrada se punha em movimento, percorrendo as ruas em seus trajes bizarros, cantarolando trovas selvagens, ao som de caixas e adufes. Que saudades, para nós daquela geração, daquele tempo, em que a negrada da paróquia se despejava, naquelas férias, das fazendas para a cidade, onde vinham, nos seus rústicos e inocentes folguedos, esquecer-se, alguns dias, da vida miseranda que levavam! Os fazendeiros, também - porque cessasse o serviço nas roças - vinham assitir na cidade, durante a quadra festiva, que era pra os pobres cativos, um como que parêntesis de luz na treva escura de sua desgraçada vida de Párias". BENTO ERNESTO JÚNIOR. Diz, ainda a Revista, que nesses dias, então, o Vicente, vestia á caráter: camisa, calças, saia de mulher, apanhada esta na cintura, à feição de saio-te, um lenço na cabeça de seda, como turbante, e guizos nos pés (REVISTA "O NATAL" DE 1918).

* Humilde pesquisa, compilada por Antônio Carlos Faria Paz, em março de 1995, dos escritos de Bento Ernesto Júnior, sobre os antigos festejos do Reinado, oferecida ao Antônio Anielo D'Alessandro, a alma do Reinado atual de Itapecerica, a que se dedica com comovedor desvelo, embora anonimamente, como sinal de despreendimento e altruísmo de sua proverbial figura, seja essa uma pávida contribuição à história do Reinado de Itapecerica, indispensável à sua inteireza.


Antônio Carlos Faria Paz